

**DA MARGINALIZAÇÃO SOCIAL À TELEVISÃO BRASILEIRA:
A SUBJETIVIDADE DOS PERSONAGENS FICCIONAIS
DE JORGE AMADO**

Dayhane A. Escobar R. Paes (UERJ)
dayhanepvs@gmail.com

RESUMO

O sucesso de Jorge Amado transbordou os livros e invadiu as telas dos brasileiros. As obras do autor tiveram diversas adaptações para o cinema e para as telenovelas. É o romancista mais posto nas telas para apresentar o povo baiano ao exterior e, dando preferência aos personagens marginalizados, retratou a vida do povo simples da Bahia, criticando através deles a exclusão e o descaso com que são tratados. Alguns grupos como crianças abandonadas, malandros ou prostitutas são utilizados para denunciar as classes dominantes, criticando o preconceito e a hipocrisia com que tratam os marginalizados, além de apresentar soluções para alterar esse quadro, demonstrando otimismo e esperança. *Capitães da Areia* trata da problemática do menor abandonado e das suas consequências: a violência, a criminalidade, a discriminação e a prostituição. A narrativa inicia-se com uma sequência de Cartas à Redação do *Jornal da Tarde* a fim de debater as questões referentes a crianças que viviam do furto e infestavam a cidade. Ao percorrer as páginas do livro, é feito um exercício de cidadania. Mesmo que seja, de forma idealizada, Jorge Amado criou personagens envolventes, capazes de “abrir” os olhos do leitor, que se vê envolvido em cada história, que reconhece um ou outro personagem nas páginas policiais. São heróis? São bandidos? São vítimas? São menores abandonados? Qual é a subjetividade desse grupo de personagens? É preferível acreditar que são vítimas, vítimas da marginalização a que são submetidos. Vítimas de um sistema que precisa, urgentemente, mudar.

Palavras-chave: Personagens ficcionais. Jorge Amado. Cinema. Telenovela. Televisão.

1. Introdução

Hoje, grande parte das empresas de produção cinematográfica está produzindo filmes baseados, adaptados ou inspirados em obras literárias. As adaptações dessas histórias para o cinema ou como séries e novelas de televisão apresentam uma reconfiguração do mercado literário que

tenta manter-se vivo diante de tantos avanços tecnológicos. Esse casamento entre literatura e televisão está dando certo para muitos autores e produtoras que alimentam os consumidores com o que há de melhor no mundo do entretenimento: fantasia, romance e finais felizes.

Assim, pode-se destacar que a ficção nada mais é do que uma simulação da realidade, de questões cotidianas e de pessoas comuns, que é visualizada sob a lente da arte para o livro ou para a tevê. Desse modo, vamos nos deparar com as diversas marcas de subjetividade na construção de facetas dos personagens do escritor Jorge Amado, começando pelo líder do bando Capitães da Areia, que, por si só, já nos oferece material para muitos debates acerca deste tema.

Estende-se para esta escolha deste tema o caráter mais social em que se vislumbra a triste realidade de muitos brasileiros que vivem à margem da sociedade, excluídos por sua cor, religião ou classe social. A obra literária de Jorge Amado, um dos maiores protagonistas da literatura brasileira, é atemporal, ou seja, foi e é lida por diversas pessoas de idades variadas e retrata o problema de menores abandonados nas ruas que ainda é uma marca cruel do Brasil. Essa e outras obras de Jorge Amado estão publicadas em mais de cinquenta países e já foram adaptadas para o rádio, cinema, televisão e teatro, transformando seus personagens em parte indissociável da vida brasileira.

Desse modo, pode-se perceber que, em seus livros, Jorge Amado leva até o leitor o dia a dia dos personagens marginalizados que vivem em Salvador (homens do cais do porto, pescadores, menores abandonados, pais-de-santo, prostitutas, malandros), além de abordar também vários costumes provincianos e festas populares. Ao citar estes personagens e abordar questões de interesse social, o escritor denuncia a miséria e a opressão em que vivem essas pessoas. Suas obras apresentam altos e baixos, o escritor abusa dos clichês e não tem cuidado formal. Apesar disso, ao lermos seus romances temos uma vasta visão da sociedade baiana. O tom coloquial e popular de suas obras cativou o público que se encantou com seus livros que viraram novela (*Tieta*), série de TV (*Teresa Batista*) ou filme (*Dona Flor e seus dois maridos*). Recebeu vários prêmios, dentre eles Pablo Neruda (Rússia, 1989), Luís de Camões (Brasil-Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1997) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997). Apesar de tanta popularidade, muitos críticos ainda têm muita reserva ao analisar suas obras. Todavia, nós reconhecemos o mérito deste autor e o escolhemos para esta aula por sua relevância no que tange à subjetividade

de dos personagens ficcionais, principalmente entre o bando dos “Capitães da Areia”.

2. *Um pouco sobre o autor e seus personagens ficcionais*

Jorge Amado foi jornalista e envolveu-se com a política ideológica, tornando-se comunista, como muitos de sua geração. São temas constantes em suas obras os problemas e injustiças sociais, o folclore, a política, crenças e tradições, e a sensualidade do povo brasileiro, contribuindo assim para a divulgação deste aspecto do mesmo. Suas obras são umas das mais significativas da moderna ficção brasileira, com 49 livros, propondo uma literatura voltada para as raízes nacionais. Em 1945, foi eleito deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que lhe rendeu fortes pressões políticas. Como deputado, foi o autor da emenda que garantiu a liberdade religiosa, viu o sofrimento dos que seguiam os cultos vindos da bela África, no Ceará viu protestantes saqueados por fanáticos com uma cruz à frente, então correu atrás de assinaturas até conseguir a aprovação da sua emenda, e desde então a liberdade religiosa tornou-se lei. Também foi autor da emenda que garantia direitos autorais. Por outro lado, votou com o PCB a favor da emenda nº 3.165, do deputado carioca Miguel Couto Filho, emenda que proibia a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência. Foi casado com Zélia Gattai, também escritora, que o sucedeu na Academia Brasileira de Letras. Teve três filhos: João Jorge, Paloma e Eulália.

O aparecimento de Capitães da Areia se dá quando, no plano político, o Estado Novo está prestes a ser implantado. O pretexto para reacender o clima golpista emerge com o aparecimento do *Plano Cohen*, em setembro de 1937, com elucidação controversa, mas envolvendo probabilidades: uma insurreição comunista e uma reação integralista diante dela. Jorge Amado escreve este livro acreditando, como Pedro Bala, ser capaz de mudar o mundo para torná-lo mais justo e beneficiar os mais pobres, entretanto, o criador dos capitães é preso por dois meses e seus livros são proibidos no país. Voltando a Pedro Bala, suas valentes façanhas de jovem capitão de enjeitados a organizador comunista dão margem a uma curiosa interpretação: "É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia, Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus 5 anos. Hoje tem 15 anos. Há dez anos que vagabundeia nas ruas da Bahia." (AMADO, 2002, p. 40).

Capitães da Areia é, sem dúvida, um documento valioso para a compreensão de uma época, na Bahia. Sua elaboração resultou da vivência intensa do autor nas ruas, becos e ladeiras da cidade que ele conheceu, adolescente, acreditando, como Pedro Bala, ser capaz de mudar o mundo para torná-lo mais justo e beneficiar os mais pobres, condenando, em sua missão sinceramente assumida de escritor engajado, como foram, durante algum tempo, chamados os autores de livros como os seus, numa sociedade que se negava a reconhecer-se injusta, mantidas as estruturas que garantiam, somente aos ricos, os privilégios.

Não é traido a adolescência e a juventude, suas ânsias, suas revoltas, sua necessidade de destruir para afirmar-se, não é traido essa urgência e fome de viver, esse ardente e violento impulso, que o escritor levanta, na experiência viva, sua medida de homem, aprendendo aos poucos, numa longa marcha, a estimar e a compreender, amadurecendo em riqueza espiritual. (AMADO, 2002, p. 25).

No fundo, o que Jorge Amado tenta passar é que cada menino dos Capitães da Areia tenta preencher o vazio de carinho e amor de mãe como pode. Pirulito descobriu Deus para lhe transmitir um pouco desse carinho; Gato descobriu Dalva, uma mulher já feita, muito mais velha que ele, que lhe dava prazer todas as noites; Volta-Seca, no seu padrinho, Lampião, que lhe permitia sonhar que um dia se juntaria a ele e juntos lutariam contra o sistema; e assim por diante. Contudo, a realidade é que, por mais que eles tentem, esse carinho de mãe não pode ser substituído e que há sempre aquele espaço vazio nos seus corações, o que os leva a continuar a conduzir a vida, na maior parte dos casos, pela criminalidade.

O problema desses meninos faz parte da nossa realidade e não são todas as pessoas que se preocupam com isso, e tratam esses meninos como delinquentes. Em *Capitães da Areia* (1937), a "cidade alta" é que serve de cenário. Pedro Bala é o chefe de um grupo de jovens arruaceiros que roubam para sobreviver. Ele e seu bando vivem e agem como muitos jovens nas mesmas circunstâncias. Estes jovens enfrentam o Governo, moram escondidos e garantem o Pão roubado dos ricos. Nunca ninguém havia mencionado em literatura este bando de jovens que engenhosamente desafia as autoridades, roubando a classe privilegiada e dividindo o produto do roubo entre os seus camaradas subnutridos. Sendo claramente uma obra de protesto, *Capitães da Areia* é marcado pelo estigma da incineração pública. Censurado e perseguido no momento de seu lançamento, o livro de Jorge Amado surge às vésperas da decretação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937.

| <u>Linha do tempo da obra</u> | | | |
|-------------------------------|----------------------------------|------------------|-------------------------|
| 1937 | 1941 | 1944 | 1952 |
| Estado Novo | Censura | Recepção crítica | |
| Publicação do livro | Apreensão e queima de exemplares | Nova edição | Filmes a partir da obra |

Dentre os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista estão 808 exemplares de *Capitães da Areia*, 233 de *Mar Morto*, 89 de *Cacau*, 93 de *Suor*, 267 de *Jubiabá* e 214 de *País do Carnaval*. Os debates sobre a produção amadiana fluíam, por vezes, levando em conta a opção do escritor pelo Partido Comunista, por construir um caminho de denúncias, recheado com uma linguagem propícia aos personagens e temas dos excluídos. Desta forma, ressalta-se a temática da obra voltada para o problema do menor abandonado na sociedade brasileira, que muitas vezes marginalizado recorre ao mundo do crime como meio de sobrevivência, vangloriando-se de uma possível “liberdade”. Suas principais obras apresentadas nas telinhas de cinema e da tevê são: *Tieta do Agreste*; *Gabriela cravo e canela*; *A morte e a morte de Quincas Berro d’Água*; *Tenda dos milagres*; *Capitães da areia*; *Jubiabá*; *Do-na Flor e seus dois maridos*.

3. *Uma leitura do romance*

O livro é dividido em três partes. Antes delas, no entanto, vem uma sequência de pseudorreportagens, que caracterizam-nos e mostram diversas visões sobre o caso. Antes de se contar a história do livro, *Capitães da Areia* (1937), há uma sequência de pseudorreportagens que caracterizam os personagens e mostram diversas visões sobre o caso. Esta reportagem policial cujo título é “Crianças ladronas” vem ratificando a tese de que as crianças são apenas criminosas porque, afinal, “vivem do furto”. A chamada da notícia convoca as ações enérgicas do chefe da polícia e do Juizado de Menores para extinguir os que se dedicavam “à tenebrosa carreira do crime”. Até a publicação do romance, nunca ninguém havia mencionado em literatura este bando de jovens que engenhosamente desafia as autoridades, roubando a classe privilegiada e dividindo o produto do roubo entre os seus camaradas subnutridos.

CRIANÇAS LADRONAS

As aventuras sinistras dos “Capitães da Areia” – a cidade infestada por crianças que vivem do furto – urge uma providência do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia – ontem houve mais um assalto. Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários, fazendo jus a uma imediata providência do Juiz de Menores e do Dr. Chefe de Polícia. Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dada à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de “Capitães da Areia” porque o cais é o seu quartel-general. E têm por comandante um molecote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão, como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado na tarde de ontem. Infelizmente a identidade deste chefe é desconhecida. O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões. (AMADO, 2002, p. 4).

Nessa primeira parte, o autor apresenta os personagens e as histórias quase independentes sobre alguns dos principais capitães da areia. O ápice desta parte vem em dois momentos: quando os meninos se envolvem com um carrossel que chega à cidade e experimentam as sensações infantis; e quando a varíola ataca a cidade e acaba matando um deles.

Também na segunda parte aparece mais uma história de membro dos capitães da areia, mas desta vez trata-se de um enredo diferente; é uma história de amor, que surge quando a menina Dora torna-se a primeira "capitã da areia". Apesar de inicialmente os garotos tentarem esturprá-la, ela torna-se qual uma mãe, irmã e noiva para eles. Todavia, apresenta um triste fim, ela e Pedro são capturados e muito castigados, conseguindo fugir, bastante enfraquecidos, amam-se pela primeira vez numa praia e, então, ela morre- episódio que marca o começo do fim para os principais membros do grupo.

Desta forma, temos a terceira parte do livro, que conta a desintegração dos líderes: O Sem-Pernas se mata antes de ser capturado pela polícia que odeia; O Professor parte para o Rio de Janeiro onde se torna um pintor de sucesso; O Gato se torna uma malandro de verdade; Pirulito se

torna frade; Padre José Pedro finalmente consegue uma paróquia no interior, onde ajudará os desgarrados do rebanho do Sertão; O Volta-Seca se torna um cangaceiro do grupo de Lampião e mata mais de 60 soldados antes de ser capturado e condenado; O João Grande vira marinheiro; Boa-vida continuando sua vida de capoeirista e malandro; e o Pedro Bala, cada vez mais fascinado com as histórias de seu pai sindicalista, se envolvendo com os doqueiros, abandona a liderança do grupo, mas antes os transforma numa espécie de grupo de choque. Assim, Pedro Bala deixa de ser o líder dos Capitães da Areia e se torna um líder revolucionário comunista.

Nas três partes do livro, percebemos o tempo cronológico demarcado pelos dias, meses, anos e horas. O gradativo crescimento das crianças se mostra no decorrer da obra, revelando aspectos desconhecidos da vida destes menores abandonados na Cidade do Salvador, sem terem quaisquer encaminhamentos futuros.

| <u>Linha temática no romance</u> | | | | |
|----------------------------------|---|---|---|--|
| Infância | Fé | Fome e / Revolta | sensualidade | Maturidade |
| As crianças brincam no carrossel | Respeitam a religião e cultura (Candomblé, capoeira e Padre José Pedro) | A miséria e o abandono social marginalizam as crianças (Trapiche, docas e cólera) | As carências se confundem com liberdade sexual (Dalva, Dora e Pederastas) | A separação dos líderes dos Capitães da Areia. |

Jorge Amado se comporta, durante todo o desenvolvimento do tema, de maneira indiferente, criando e narrando os acontecimentos sem se envolver diretamente com eles. Esta ficção ganha corpo na recepção crítica – mesmo abordando uma temática de denúncia das mazelas do capitalismo – e na vendagem continuada do livro, no Brasil e no Exterior. O que este livro trata é de um problema social que não é apenas típico de Salvador ou algo próprio do passado (1937 – ano de publicação do livro): esta temática, infelizmente, permanece em toda sociedade apesar do tempo.

A questão dos menores infratores é tratada até hoje, noticiada em jornais e revistas, que denunciam a influência da criminalidade na vida das “crianças de rua”, estas que sofrem com o descaso e o abuso de seus

direitos, sendo destituídas do fato de serem apenas crianças e passando a agir e serem tratadas como adultos, muitas vezes como apenas marginais. O que vemos são os meninos retratados como moleques atrevidos, malandros, espertos, famintos, ladrões, agressivos, falsos, soltos de língua, carentes de afetos, de instrução e de comida. Entretanto, é possível notar a poeticidade, ainda que indelével, da construção textual, aliando-se ao tema da exclusão, emprestando-lhe fecunda expressividade humana, o que dá o toque da narrativa cinematográfica, aumentando a recepção crítica do autor, não somente no plano nacional.

Há ainda outro aspecto importante no conto que diz respeito à questão da subjetividade. Longe de manifestar piedade ou condescendência por suas pequenas criaturas, Jorge Amado as retrata como seres dotados de energia, inteligência, vontade e personalidades bem diferentes uns dos outros, ainda cercados pelas condições sociais hostis em que estão inseridos. Do valente líder Pedro Bala ao carola Pirulito, entre o mar e a cidade, o grupo é formado por vários meninos que apresentam histórias distintas que os levaram para as ruas – no velho trapiche. Desde a violência doméstica à miséria, à epidemia, à fome e à morte, cada um, por um motivo distinto, vai se unindo ao grupo e, mesmo diante da realidade em que vivem, crescem e se tornam homens ao longo deste autêntico romance de formação. Desse modo, torna oportuno conhecer tantas identidades (subjetividades) tão distintas reunidas em um mesmo romance. A começar pelo breve fragmento a seguir:

 Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo, Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Um dia brigaram. A desgraça de Raimundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche, que não tardou. Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. Engajou tempos depois num navio. (AMADO, 2002, p. 37).

Salvador. Bahia. A "cidade alta" é que serve de cenário, o velho trapiche é o quartel (esconderijo) do bando. Capitães da Areia é o nome do grupo de jovens arruaceiros que, para sobreviver, vivem de pequenos furtos e golpes. Pedro Bala é o chefe, corajoso, valente – órfão de pais comunistas – e líder dessa minoria. Pedro vive uma bela história de amor com a menina Dora, que não termina com um final feliz. Ela se torna a

primeira "Capitã da Areia", apesar de inicialmente os garotos tentarem violentá-la, ela será como uma mãezinha para esses meninos abandonados. Pirulito é o "guarda do trapiche", mas também participa dos planos dos Capitães, ele é orientado pelo Padre José Pedro, que os acoberta enquanto tenta regenerá-los. Pirulito reza todas as noites para purgar seus pecados e se torna frade no fim. Professor é o mais sensato, o único inteiramente letrado do grupo, um grande desenhista e ótimo contador de histórias. Gato é o sedutor, aprendiz de cafetão, um malandro de verdade, apaixonado por Dalva. Finalmente, cada um desses meninos vai tendo o final que desejam, mas antes de se separarem os Capitães da Areia ajudam numa greve sindical como uma espécie de grupo de choque, um grupo revolucionário da história da Bahia. Cada um desses meninos tem sua personalidade, sua concepção de mundo, seus sonhos modestos que vão desde o herói cangaceiro ao marinheiro, ao capoeirista e ao comunista. Os destinos dos Capitães da Areia também serão variados, já que são tão díspares. Como temos vários personagens, distintos subjetivamente, assim teremos vários finais neste livro, um para cada Eu que forma o todo – o grupo, o bando, a "quadrilha", os Capitães... Uns morrem de doença ou de tiro, um vira artista, outro revolucionário, a maioria insiste na vida do crime. E, assim, com uma prosa repleta de verve e humor, Jorge Amado nos torna íntimos de um desses personagens singulares e nos contagia com sua obstinada gana de viver.

4. Conclusão

O romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, foi publicado em 1937. O livro teve a primeira edição apreendida e exemplares queimados em praça pública de Salvador por autoridades da ditadura. A partir de 1944, quando uma nova edição é lançada, entra para a história da literatura brasileira, assim como outros livros do autor, traduzidos para outros idiomas e adaptados para rádio, teatro e cinema. É um romance modernista, pertencente à segunda fase do Modernismo no Brasil (1930-1945), também conhecida como Romance de 30 ou fase *Neorrealista*, cuja narrativa aparece fortemente vinculada às transformações políticas, sociais e econômicas do período.

Através do romance *Capitães da Areia*, pela primeira vez na história da literatura brasileira, um escritor denuncia de maneira panfletária – romântica e paradoxalmente socialista e realista – o problema dos menores abandonados e dos menores infratores que desafiavam a polícia e a

própria sociedade. A abordagem romântica deve-se, exclusivamente, ao fato de o autor minimizar os delitos dos meninos e acentuar os defeitos da sociedade. Nem mesmo a Igreja ficou livre da censura do autor. Por outro lado, Jorge Amado traz para discussão a problemática desses meninos que não tiveram a felicidade de ter uma família ou a felicidade de serem acolhidos pelo Estado que tinha (e ainda tem) a obrigação de defendê-los de qualquer tipo de marginalização.

Os meninos passaram de “dominados” a “excluídos”, apesar de frequentarem cada vez mais espaços públicos. Se, por um lado, a sociedade nega-lhes um nome e condições mínimas de sobrevivência, por outro lhes permite usufruir o título de “intocáveis” perante as leis penais até a maioridade. Isto é, crimes cometidos por menores não são julgados formalmente como acontece com os adultos. Diante da realidade atual acerca de crimes cometidos por menores infratores, é possível refletir sobre a abordagem recente da TV brasileira acerca da redução da maioridade penal para 16 anos e da situação atual dos presídios e reformatórios do país. Assim, pode-se destacar de que forma a subjetividade desses adolescentes pode ser moldada dentro do cárcere, considerando o sistema penitenciário brasileiro como forma legal de reabilitá-los.

Fica evidente, portanto, que o sucesso de Jorge Amado transbordou os livros e invadiu as telas dos brasileiros. Até hoje a abordagem temática desse autor ainda tem diversas adaptações para o cinema e para as telenovelas. Ele é o romancista mais posto nas telas para apresentar o povo baiano ao exterior e, dando preferência aos personagens marginalizados, retratou a vida do povo simples da Bahia, criticando através deles a exclusão e o descaso com que são tratados.

Alguns grupos como crianças abandonadas, malandros ou prostitutas são utilizados para denunciar as classes dominantes, criticando o preconceito e a hipocrisia com que tratam os marginalizados, além de apresentar soluções para alterar esse quadro, demonstrando otimismo e esperança. *Capitães da Areia* trata da problemática do menor abandonado e das suas consequências: a violência, a criminalidade, a discriminação e a prostituição. A narrativa inicia-se com uma sequência de Cartas à Redação do Jornal da Tarde a fim de debater as questões referentes a crianças que viviam do furto e infestavam a cidade.

Em suma, ao percorrer as páginas do livro, é feito um exercício de cidadania. Mesmo que seja, de forma idealizada, Jorge Amado criou personagens envolventes, capazes de “abrir” os olhos do leitor, que se vê

envolvido em cada história, que reconhece um ou outro personagem nas páginas policiais. São heróis? São bandidos? São vítimas? São menores abandonados? Qual é a subjetividade desse grupo de personagens? É preferível acreditar que são vítimas, vítimas da marginalização a que são submetidos. Vítimas de um sistema que precisa, urgentemente, mudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BIAGIO, Maria Cristina Altvater. Resenha literária do livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Disponível em:

<www.saojose.com.br/index.php/8-o-colegio/noticias/56-resenha-literaria-do-livro-capitães-da-areia-de-jorge-amado>. Acesso em: 30-12-2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado: leitura e cidadania. In: AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 39-50.